



DIÁRIO DE NOTÍCIAS		DIÁRIO POPULAR	
SÉCULO		DIÁRIO DE LISBOA	
JORNAL DO COMÉRCIO		CAPITAL	
DIA		REPÚBLICA	
DIÁRIO		JORNAL NOVO	
PRIMEIRO DE JANEIRO		LUTA	
JORNAL DE NOTÍCIAS	21. OUT 1979		
COMÉRCIO DO PORTO			

Lurdes Pintasilgo «ta le qual» é na RTP-2

«SABER O QUE QUERO FAZER E COMO E NÃO TER POSSIBILIDADES PARA ISSO»

Maria de Lurdes Pintasilgo esteve ontem na TV para se mostrar «tal e qual» é, exactamente no novo programa da RTP-2, «Tal e Qual». Entrevistada por Joaquim Letria, a primeiro-ministro (ela prefere a designação «primeira-ministra» por lhe parecer natural que as palavras que designam esta como outra função tenham os dois géneros), mais do que fazer declarações políticas, falou sobretudo de si e do Mundo tal como o vê.

Uma longa conversa, frequentemente apaixonante, que passou pela actividade concreta do Executivo a que preside e pela forma como Maria de Lurdes Pintasilgo, «confessando Cristo», é cristã no seu quotidiano, sem que tal seja argumento moral ou ideológico da sua actividade governativa; pela informação e pela nova ordem internacional neste domínio, como no social, no cultural e no económico; pela «impotência do poder» e por muitos dos nossos defeitos (e qualidades) colectivos, pela poesia e pelas «Novas cartas portuguesas», pelo elogio público, vindo do Brasil, de Marcelo Caetano à «honestidade exemplar» e à «senda de trabalho sério e eficiente» como aos «méritos morais e intelectuais» de Maria de Lurdes Pintasilgo; pelas razões que levam alguns sectores da igreja a hostilizar a primeiro-ministro («para alguns — disse ela — Cristo está fechado em actos de culto e estritos e não é a sua confissão quotidiana») como pelos adjectivos marialvas com que outros sectores da nossa sociedade política a procuram desautorizar; pelo modo como entende a governação, em comunicação directa com o povo e seus representantes, pelos bloqueios constantes à sua acção, etc., etc.. Mais do que uma entrevista, com a carga mitológica que a palavra acarreta, um diálogo sincero e muito rico, sem «partis pris» com uma mulher que em determinada altura aceitou uma tarefa (pela

qual, confessa, se apaixonou) e se prepara para a levar a cabo com a mesma espontaneidade

AS TRÊS RAZÕES

A conversa de Maria de Lurdes Pintasilgo com Letria voltou-se, a certa altura, para Marcelo Caetano, a propósito da defesa que, dela, o ex-chefe do Governo português faz num jornal brasileiro. A primeiro-ministro, que sublinhou a «grandeza» de um homem que, tendo errado em muitíssimos aspectos, é capaz de reconhecer publicamente os méritos dos outros situados em campos opostos, contaria então um episódio curioso.

Em 1969, Marcelo convidou-a a entrar para a Assembleia Nacional, como elemento da ANP, integrada na ala «liberal» (de que fez parte, recordou a primeiro-ministro, Sá Carneiro).

Lurdes Pintasilgo recusou; e comunicou ao então chefe do Governo as três razões por que o fazia: não concordava com a guerra no Ultramar e não podia aceitar entrar (mesmo como «liberal») num partido que a preconizava; defendia uma redistribuição da riqueza e uma via socializante («mesmo com estas palavras» — frisou) para Portugal; e condenava a corrupção do sistema político vigente e da própria ANP.

E assim a ANP perdeu um... «liberal».

de e boa fé com que — perante certamente milhões de pessoas — disse palavras de sincera ingenuidade sobre a poesia portuguesa ou sobre a importância do livro das «três Marias» ou falou dos seus sonhos, das suas frustrações ou da forma como, no dia a dia,

muito para além dos limites temporais e espaciais de S. Bento, procura construir a felicidade.

Revelações sobre o presente («o mais terrível da governação, hoje, em Portugal, é a neutralização que fazemos uns aos outros»), sobre o passado («bunkers» (do, nas últimas décadas, um tipo de governação de gabinetes e decretos-leis que quase nada dizem às populações e que faz com que um problema aguarde tempos imensos antes de chegar a diploma legal»), mas, sobretudo, sobre o futuro. Sobre o nosso futuro colocado em sintonia com os problemas universais.

A Informação (comunicar sempre foi um dos problemas que preocuparam Maria de Lurdes Pintasilgo) foi tema importante: o direito à liberdade de expressão dos jornalistas enquanto intérpretes dos fenómenos sociais, mas também a liberdade de pensamento e opinião de todos nós, que não pode ser abafado pelo primeiro; a hipertrofia do Estado em relação à vida social na óptica da nossa Informação; a nova ordem da Informação, ou seja, o direito de cada sociedade ter profissionais capazes de exprimir os seus próprios fenómenos, sem influências ou desvirtuamentos de ópticas diversas e totalizantes; enfim, o poder da Informação e a necessidade de reconhecimento da autonomia desse poder em relação aos clássicos poderes do Estado.

«O mais difícil — confessaria a primeiro-ministro — é ter muito pouco poder, ter metas concretas, saber o que quero fazer e não ter literalmente possibilidade de o fazer». E isto pelos limites da sua própria acção como pela «fragmentação de opinião que alguns órgãos de Comunicação veiculam como caixas de ressonância e provoca uma neutralização que impede o poder de se exercer com toda a sua pujança», bem como que uma autêntica vontade comum se exprima.